

A força que a comunidade tem

MÁSSIMO MANZOLILLO
Da Editoria de Cidade

Acostumada ao isolacionismo da vida urbana, a população de Brasília parece não ter acordado diante de uma opção redentora. Sem uma administração competente há vários anos, a comunidade acostumou-se a reclamar, solicitar e reivindicar melhorias aos órgãos constituidos, e receber, como resposta, o abandono e a ineficácia. Mesmo assim, ela parece não atentar para a alternativa de uma administração localizada, que facilitaria a compreensão de problemas locais e a solução dos mesmos. As prefeituras comunitárias estão aí para isso. Fruto da conscientização de moradores de poucas unidades habitacionais do Plano Piloto, essas entidades estão revertendo o marrasmo e o imobilismo da administração central. A maioria dos brasilienses aprova a iniciativa; pequena parcela se movimenta, entretanto. Os prefeitos que já exercem sua função ainda reclamam da falta de integração com o GDF, apesar do Palácio do Buriti se mostrar ainda distante. A proposta da prefeitura comunitária, surgida em 1977 na 303 Sul, deve ser encarada com maior seriedade por todos — do governo à comunidade, já que representa uma opção viável de humanização permanente da cidade. Basta criar mecanismos de apoio mais produtivos, que efetivamente traduzam todo o esforço das lideranças populares em melhoria do nível de vida.

Ampla diz a que veio

Uma lista infundável de atribuições — estimular, favorecer, incentivar, contribuir, zelar, promover, desenvolver, organizar — é um sentido único para o trabalho: aproximar a atuação governamental das comunidades urbanas. Esse é o objetivo que move a Assessoria de Apoio às Associações de Moradores do Plano Piloto (Ampla), criada em 21 de abril de 1986, que passou a funcionar como elo de ligação entre os habitantes das quadras de Brasília e o Palácio do Buriti.

Segundo o chefe do órgão, Geraldo Silva, "a Ampla ainda não atingiu a velocidade ideal, devido à sua estrutura, aos meios de que dispõe e à falta de um suporte mais eficaz e dinâmico de atendimento dentro do GDF". Antes da sua criação, apenas seis quadras do Plano Piloto haviam se organizado. Esse número alcança, atualmente, a marca de 25 associações, entre instaladas e em processo de criação.

Outro fator que atrapalha o pleno desenvolvimento dos trabalhos refere-se à morosidade das pessoas em relação à tomada de consciência. Isto no sentido de que "podem e devem se reunir, com responsabilidade, em proveito da própria comunidade", salienta Geraldo. A assessoria está iniciando um trabalho a partir dos síndicos de prédios. Um catálogo já elaborado permite um contato direto com estes representantes comunitários.

Esse é o primeiro passo: o interesse da população. A caminhada prossegue com a convocação de uma assembleia entre os moradores da quadra, visando a elaboração do estatuto. Antes de se chegar à Ampla, é preciso registrar a criação da prefeitura em cartório. Aquela reunião embrionária constitui-se, então, em associação de moradores. Segundo opinião de parte dos prefeitos já estabelecidos, a assessoria funciona como verdadeira representação da comunidade dentro dos órgãos administrativos.

FOTOS: MARCOS HENRIQUE



Com a criação de algumas miniprefeituras, as crianças conquistaram um espaço antes inexistente

Prefeito da 303 Sul critica funcionamento

A aproximação com as comunidades é imprescindível para o GDF, mas a forma como está sendo feita não agrada a boa parcela da população. O líder desse coro opositor é o prefeito da 303 Sul, Reinaldo Lima Martins, que apresenta inúmeras falhas no trabalho desenvolvido pela Ampla e órgãos governamentais. Diz que não existe o canal de comunicação entre população e o poder, mesmo com a entidade sendo criada com tal finalidade.

"A assessoria não funciona. Há muito que não cumpre com sua finalidade", afirma Reinaldo. Ele acredita que somente uma movimentação maior da população pode reverter o quadro de abandono das quadras do Plano Piloto, já que, por parte do governo, muito pouco será feito. "Se alguns elogiam o trabalho até aqui desenvolvido, então estamos sendo discriminados, pois quase nenhuma de nossas solicitações é atendida"

INICIO

O prefeito administra a entidade zonal mais antiga de Brasília. Criada em 1977, a prefeitura da 303 Sul foi a precursora de uma luta da comunidade, que saiu em busca de melhorias para a localidade que habita. Percebendo a dispersão de esforços à época, e não sabendo a quem formular as reivindicações, os moradores resolveram unir-se em torno de um núcleo gerencial. A proposta logo ganhou corpo e a iniciativa fez aparecer adeptos em todo o Plano Piloto.

"Criamos uma representação e evitamos a eterna romaria à sede governamental". A prefeitura defende a qualidade de vida de 2 mil 800 moradores,

mas tem enfrentado sérios obstáculos nesse sentido. Reinaldo diz ter encaminhado à Ampla, em meados de 87, um ofício solicitando a retirada de cilindros de concreto instalados no playground, que estariam sendo utilizados como "mictório e motel". A falta de resposta do GDF revoltou o prefeito, pois a tarefa não demandaria gastos excessivos.

A quadra enfrenta outros problemas. Mesmo contando com uma equipe de limpeza própria, que periodicamente retira a sujeira dos gramados, o SLU não passa em sequência para levar o entulho. Próximo à W-3, mais sujeira. Obras em estabelecimentos comerciais e bancários prejudicam a conservação da 303 — o destino do resto do material utilizado é mesmo os locais vizinhos. Muito pouco seria necessário para manter a estrutura de limpeza do local, mas o GDF não faz sua parte.

COMPLICAÇÃO

Ao tentar solucionar o

problema de trânsito na entrada da quadra, o Departamento de Engenharia de trânsito parece não ter agrado. Ao construir o sistema rotativo — espécie de balões sem meio-fio, os projetistas comprimiram o espaço para os carros, complicando o tráfego na área. Reinaldo diz que seria necessário um corte na ponta da calçada para duplicar a pista.

A prefeitura da 303 sul, agindo sozinha, restaurou todas as calçadas da quadra (outra reforma está sendo planejada), refez os quebra-molas, construiu o rinque de patinação e racionalizou o trabalho nos caneiros. Os novos projetos estão voltados para o reforço da iluminação (colocação de focos nos estacionamentos do prédios), sinalização interna (placas e horizontal), fechamento de ruas entre dois blocos (buscando espaço para as crianças) e para a busca de um policiamento mais rígido (até com uso de comunicação eletrônica entre porteiros, rádio-táxi e posto policial).

Cruzeiro reclama melhorias

O Cruzeiro sente a falta de um trabalho administrativo e de ligação mais profundo com entidades governamentais. Esse litígio tem levado a comunidade a presenciar o total abandono do local, que parece não despertar maiores interesses no Buriti. A instalação de uma administração regional, fato pseuococoncretizado em dezembro último, continua encabeçando a pauta reivindicatória dos moradores. E creneça entre eles que sem ela nada poderá ser feito.

Criada em julho de 1985, a prefeitura comunitária do Cruzeiro luta pela criação de um órgão no local, que efetivamente busque soluções para os problemas verificados. Segundo o prefeito Abraão Cavalcante, um levantamento realizado indicou que 82 por cento da população local aprovam o sistema de administração localizada. Revela que, sem uma função aparente, mesmo tendo assumido há seis meses, o administrador Vital Moraes deve acabar renunciando.

CARENTES

Enquanto outros canais não funcionam, a prefeitura vai tocando o barco. Cavalcante diz que a entidade está desenvolvendo um trabalho junto a 700 famílias, no sentido de prestar assistência social aos carentes. Para realizar a tarefa, conta com a ajuda da LBA, da Secretaria Especial da Ação Comunitária (Seac) e da Igreja Santa Terezinha. Essa batalha da prefeitura ainda não resultou em melhorias concretas.

Mesmo sem o apoio de entidades governamentais, alguns resultados positivos foram alcançados com a movimentação constante dos moradores. A equiparação da tarifa de transporte com a do Plano Piloto foi uma das vitórias; no campo da segurança, a iluminação de três pistas divisórias do Cruzeiro Novo foi conseguida. Esse item, entretanto, é a preocupação básica de Abraão Cavalcante. Falta muita coisa para considerar a localidade segura.

PRESSÃO

Asfalto, calcamento e limpeza ocupam a lista de reivindicações dos moradores. O GDF parece carecer de recursos, já que as queixas são antigas. Se o problema é a falta de poder de pressão, um comprovante: mesmo com policiamento deficiente e após o governador autorizar a criação do posto policial do Cruzeiro Novo, nada foi levantado. As verbas realmente não estão sendo direcionadas em prol desta comunidade. "O governo fica sempre na promessa, mas não sai nada", ressalta Abraão.



Reinaldo Lima diz que a Ampla não funciona

Crianças levam a melhor



Alvinéia: desafio

Alvinéia aceitou o desafio de administrar uma quadra "por amor às crianças". Encarando com determinação o trabalho, pôde concretizar um dos sonhos da meninada: a construção de um parquinho com brinquedos tradicionais e pedagógicos. A meta

é variada, prevendo realizações nos campos sócio-esportivo e cultural. "Tudo isso para buscar a harmonia na quadra".

Policlamento. Esta é a maior preocupação da administração comunitária. Em recentes encontros com o secretário de Segurança, João Brochado, Alvinéia Peixoto pediu os esforços do órgão, visando a maior segurança dos moradores da 312 Norte. Nesse aspecto, diz já ter sentido melhorias, inclusive pela presença de viaturas da Rocan.

A prefeita cobra, ainda, um debate mais profundo em torno dos problemas que afetam a comunidade. Ressalta que os moradores precisam tomar consciência de que as propostas têm de ser levadas ao GDF em discussões permanentes.